

PENSANDO A MISTIÇAGEM, A MISTURA, O BARROQUISMO

Nem sempre a incerteza e o aleatório são levados em conta

pelo historiador. No entanto, o papel deles é essencial em situações como a descoberta da América, em que mundo que tudo separava encontram-se brutalmente confrontados.

É a presença do aleatório e da incerteza que confere às mestiçagens seu caráter impalpável e paralisa nossos esforços de compreensão (GRUZINKY, 2001, p. 61).

Mara Regina Pacheco

PG/UFGD/CAPES

Resumo: Este artigo pretende discutir as questões da mestiçagem advinda da mistura das culturas, do barroquismo resultante do contato de diferentes povos. Embasados nas leituras de Gruzinsky, Laplantine & Nouss, Rodrigues e Boaventura Santos, perceberemos como cada um deles trata os temas que tanto representam a literatura da América Latina, e que embasam as discussões críticas da academia pertencentes ao Cone Sul, da qual nós, pesquisadores do Mato Grosso do Sul fazemos parte.

Palavras-chave: Literatura; Mestiçagem; América Latina

Introdução

Serge Gruzinsky inicia *O Pensamento Mestiço* (2001), descrevendo uma cena, que já no Novo México em 1896, exibia a mistura de povos, bem como das suas respectivas culturas naquele local: índias europeizadas, vestidas como camponesas espanholas, depositando sua fervorosa fé ante aos santos do altar barroco. A cena é a comprovação, já naquela época, da contaminação que o “contato” entre povos provoca nas crenças, nos hábitos e costumes de um povo. É a prova da contaminação de elementos europeus na cultura primitiva, e, conseqüentemente, a origem de uma cultura “mestiça”, decorrente do processo de colonização, resistências e mestiçagens.

Mais recentemente é o advento da globalização que faz proliferar novas misturas de culturas no mundo, acelerando as trocas. No entanto, ao se associar mestiçagem, uniformização e globalização tende-se a: transformar objetos em mercadorias; a impor uma matriz universal; a uma tentativa de uniformização do mundo. Essa construção é forçada, é artificial, já que na mistura de culturas encontramos situações diversas, fenômenos díspares: tanto misturas, como rejeições.

A realidade do Novo México não é diferente da Amazônia em 1997, onde o tupi continua tangendo um alaúde¹⁹. Onde continuam a ocorrer contaminações da chamada civilização, e também resistências em relação à tradição. Essa realidade mesclada reside na ambigüidade e na ambivalência, na oscilação entre as culturas, na complexidade e no confronto de dois mundos. Mundos miscigenados, feito de elementos que se associam, e por outros que se opõem, formando identidades múltiplas e em constante metamorfose.

Sob o emblema “salvar almas”, fomos colonizados à força, sob o signo do caos. Fomos forçados a uma mestiçagem por contaminações e interferências sob o verniz do exótico. Associam fenômenos e elementos que em princípio nada deveriam aproximar, já que ativam circulações e intercâmbios, deslocamentos e invasões não naturais. No entanto, resumir a colonização da América ao dialogismo europeu-mal *versus* índio bom selvagem empobrece a história dessa civilização, já que nos espaços *in between* colonizados surgem novos modos de pensamento partindo da dupla herança, faz nascer uma terceira margem, um terceiro espaço de um deslocar infinito de possibilidades, até chegar ao fenômeno que conhecemos como multiculturalismo.

O conceito de multiculturalismo por si só é bastante controverso e atravessado por inúmeras questões que aqui se faz necessário abarcar, já que nem todas englobam seu sentido emancipatório. Stam (SANTOS & NUNES apud SANTOS, 2003, p. 29) sintetiza as críticas ao multiculturalismo em: a) antieuropeu; b) fomentador de divisão, desunião e fragmentação da sociedade; c) terapia das minorias destinada a promover a auto-estima desses; d) um “novo puritanismo” denominado politicamente correto. A resposta a essas posições é colocada assim por Santos e Nunes (SANTOS & NUNES apud SANTOS, 2003, p. 30-33) para descrever o multiculturalismo: a) é um conceito eurocêntrico para descrever a diversidade cultural resultante do afluxo de imigrantes do Sul; b) é a expressão por excelência da lógica cultural do capitalismo multinacional ou global, bem como uma nova forma de racismo; c) é apolítico e descritivo, problematizador das relações de poder, exploração, desigualdade e exclusões; d) a politização tem um *status* especial nos projetos multiculturais no qual os direitos coletivos são reconhecidos subordinados à hegemonia do Estado-nação; e) o conceito está associado à mobilidade, à migração, à dinâmicas culturais, econômicas e políticas translocais; f) o questionamento da pertinência dos termos cultura/multiculturalismo caracterizando contextos diferenciados, com divisão de mundo distintos. Mesmo com as críticas colocadas acima, o termo multiculturalismo ficou generalizado ao modo de designar as diferenças culturais no contexto transnacional/global.

¹⁹ Referência à frase de Mário de Andrade “Sou um tupi tangendo um alaúde”, da obra *Macunaíma*, um personagem ambivalente, dividido, indeciso. O arquétipo do brasileiro, do latino-americano.

Como afirma Gruzinsky (2001, p. 53), “cada criatura é dotada de uma série de identidades, ou provida de referências mais ou menos estáveis, que ela ativa sucessivamente ou simultaneamente, dependendo dos contextos”, sofremos transformações advindas de interações múltiplas com outros indivíduos.

Os termos identidade e cultura costumam serem tratados através de clichês e estereótipos que decorrem de modos de pensar profundamente arraigados, levando a evocar uma América Barroca de realidade homogênea e coerente, em detrimento de evocar a história da mestiçagem. Privilegia-se a história do ocidente ao restante do mundo. No entanto, os estudos pós-coloniais surgem para lembrar “as misturas planetárias que invadem nosso cotidiano nos lembram que não estamos sozinhos no mundo das idéias e que certamente o ocidental não é mais o universal” (GRUZINSKY, 2001, p. 56). De acordo com o estudioso, o híbrido é produto de movimentação, da não estabilidade das coisas, é o resultante de um universo de uniões e enfrentamentos. O fenômeno da hibridação leva à mestiçagem devido ao alargamento dos horizontes. “A mestiçagem se dá em materiais derivados, numa sociedade colonial que se nutre de fragmentos importados, crenças truncadas, conceitos descontextualizados e, volta e meia, mal assimilados, improvisos e ajustes nem sempre bem-sucedidos” (GRUZINSKY, 2001, p. 196).

Na verdade, o alargamento desses horizontes vai além, atingindo inclusive, a biologia, penetrando a antropologia, a ciência. Todavia, a mestiçagem não é apenas isso. Não é a polaridade entre homogêneo e heterogêneo, mas é sim “uma terceira via entre a fusão totalizadora do homogêneo e a fragmentação diferencialista do heterogêneo” (LAPLANTINE & NOUSS, 2002, p. 8). A mestiçagem é um fenômeno complexo, já que não implica somente fusão, coesão, e osmose, mas muito além disso, implica confrontação e diálogo. Ela não ocorre tranquilamente, e sim é permeada por embates, por diversificação e continua evolução que requer ausência de regras, já que “cada mestiçagem é única, particular, e traça seu próprio futuro” (LAPLANTINE & NOUSS, 2002, p. 10). O resultado do encontro é sempre desconhecido uma vez que a característica do fenômeno é a constante transformação.

Encontramos na História do Mediterrâneo, o primeiro incentivador do pensamento mestiço, Alexandre o Grande, que acreditava que diferentes povos deveriam fundir-se numa mesma unidade. Os lugares de miscigenação por excelência eram as grandes cidades, seus mercados e praças públicas, profícuos locais onde ocorriam trocas, aceitações e recusas. Até mesmo o mar Mediterrâneo serve como exemplo do movimento de vai-e-vem, dos fluxos e refluxos, via que propiciou essas relações de entrecruzamentos.

É característico da mestiçagem a curiosidade pelo outro. Povos diferentes trazem e levam algo. Aprendem e trocam. No entanto, por muitas vezes, nos esquecemos da origem do que adquirimos e tomamos aquilo como nosso. A identidade cultural de um povo é exatamente construída aí, em misturas e cruzamentos de memórias, e também de esquecimentos. Esse processo de empréstimos e apagamentos acabam formulando nossos universalismos e particularismos, em rearticulações sem fim. Desse modo não há como conceber aceitação de purismos, já que nos fazemos todos híbridos, em constante processo osmótico. O Brasil é um microcosmo dessa fusão, de exemplo dessa mistura.

A América Latina, por sua vez, se abre à mestiçagem quando Dona Maria toma por amante um indígena (CORTÉS apud LAPLANTINE & NOUSS, 2002, p. 25). Aqui nestas terras a mestiçagem não se deu de forma festiva e agradável, mas de modo conflituoso e doloroso. Laplantine e Nouss apontam em nós, latino-americanos, a capacidade de sermos: “ocidentais e não-ocidentais, intelectuais e sensuais, modernos e tradicionais, ateus e religiosos, cristãos e pagãos, racionais e sentimentais, críticos e líricos” (p. 32). Eles se referem a nós como à imagem e semelhança do nosso anti-herói Macunaíma²⁰.

Se Alexandre, O Grande, foi o primeiro incentivador do pensamento mestiço, a Torre de Babel se vale como o mito da mestiçagem lingüística. As línguas passaram a ser marcas de fronteiras, assim como as fronteiras geográficas. Laplantine e Nouss (2002, p. 36) dividem em três os modelos de língua franca: as que conquistaram esse estatuto através de jogo de poder político ou cultural (grego, latim, árabe, francês, inglês); as línguas artificiais, racional e ideologicamente construídas (volapuk, esperanto); as pidgines e crioulas. Essa última foi criada por modificações e variações do encontro com outros idiomas. “Quando um pidgin, língua de recurso, usado ocasionalmente entre falantes de línguas diferentes, se torna língua materna adquire o estatuto de crioulo” (p. 37). O crioulo é composto por inúmeras tensões de oralidade e escrita, meio rural e urbano, classes cultas e populares, arcaísmos e modernização. “A crioulização torna-se mesmo uma atitude que ultrapassa as particularidades etnolingüísticas para entender o universal” (p. 38). Essa estética livre e liberta faz com que Eduard Glissant (in LAPLANTINE & NOUSS, 2002, 39) defina a identidade como um rizoma, não de raiz única, mas como uma raiz que vai ao encontro de outras. Como o crioulo, por tradução, provoca metamorfoses que surgem da subordinação identitária. O fenômeno da tradução requer noções de equivalência e fidelidade, ou seja, a não traição do original. Todavia, é fato que “traduzir é trair”, já que uma tradução implica em outro texto. Sabedores de que é da natureza da língua e da cultura ser polissêmica, preferimos pensar em tradução como diálogo entre as línguas, como uma ponte que liga um universo a outro. Desse modo, traduzir é dialogar com outros saberes que nos são estranhos. Tradução é aproximação, é diálogo.

Por ser um evento que está sempre a se fazer, no devir, em transformação, a mestiçagem, ao longo da sua trajetória exhibe diferentes configurações culturais. Uma característica da qual nos valem para este trabalho é que o barroco é uma segunda pele da mestiçagem. Isso porque “na estética barroca, qualquer elemento procura extravasar os seus limites, tendendo para o encontro com um outro, numa dinâmica constante de descentramento, expansão e transformação” (LAPLANTINE & NOUSS, 2002, p. 51). Desse modo, entendemos que nada é puro, e que neste mundo todas as coisas “estão misturadas e diluídas nos seus contrários” (p. 71), e a mestiçagem é o reconhecimento desse ser que se faz multi, plural no seu devir.

Queremos destacar, e deixar claro que o pensamento mestiço é um pensamento de mediação, já que se faz nos intervalos, nos interstícios de cruzamentos e trocas. A mestiçagem é o processo, não o fim. O tempo da mestiçagem é o presente continuamente renovado, é a temporalidade do devir, e o devir

²⁰ Macunaíma, obra de Mário de Andrade.

é imprevisível “o devir nunca se adivinha: esta é a dinâmica, vibrante e frágil, da mestiçagem” (LAPLANTINE & NOUSS, 2002, p. 119).

Do pensamento mestiço, assim como cremos tê-lo bem definido, subjaz uma ética mestiça, uma filosofia mestiça, uma arte mestiça, uma escrita mestiça. Da ética mestiça requer-se um orgulho da mestiçagem assentada nas suas origens, cabendo “à memória garantir que na aliança ou ligações mestiças, nenhum dos componentes seja dominante ou se dissolva no processo” (LAPLANTINE & NOUSS, 2002, p. 115), espera-se que cada elemento conserve sua identidade, mas, que ao mesmo tempo se abra ao outro. Da filosofia mestiça entende-se uma forma de exercer o pensamento de modo mestiço, não se agarrando aos conteúdos, mas às formas, na combinação dos elementos. Da arte mestiça ouve-se a voz do heterogêneo e do plural, exibem-se as múltiplas facetas e a complexidade. Da escrita mestiça vislumbra-se uma tradução global de identidade e realidades contemporâneas, múltiplas e polimorfas, que é o próprio desígnio de uma literatura moderna mestiça.

São muitos os exemplos de arte mestiça que podemos recolher na literatura: em Vitor Hugo é possível detectar uma forma de mestiçagem genealógica; em Dostoiévski figura a polifonia romanesca; em Balzac e Zola, citemos o romance ensaio que é a mistura de história e ficção; em Rimbaud a sua escrita-alteridade: eu é um outro; em Fernando Pessoa encontramos o maior mestiço dos autores modernos por seus heterônimos: Alberto Caieiro, Ricardo Reis, Álvaro de Campos; em Glissant e Chamoiseau as origens do mundo pós-colonial; em Rushdie e Naipaul mestiçagem estética e antropológica. Já a sensibilidade latina fica muito à vontade neste campo, e os exemplos se avolumariam numa crescente vertiginosa. Em Hélio Serejo e em sua obra encontramos ética mestiça, filosofia mestiça, arte mestiça, escrita mestiça. A obra *Balaio de Bugre* (SEREJO, 2008), alvo da minha pesquisa de dissertação, é um reduto de temas mestiços. Os vários subtítulos, seus 93, já são um exemplo dessa multiplicidade de temas, próprio da arte moderna, com suas colagens, bricolagens, exemplos privilegiados da mestiçagem formal através da prática que é a colagem literária, ilustrando o subversivo da mestiçagem estética com duplo objetivo: refletir a realidade e criar uma nova, já que esta não é aberta para todas as interpretações possíveis. Esta é a arte barroca. “Se a arte moderna pode ser vista como animada essencialmente por um princípio de igualdade (...) a mestiçagem surge como o meio que permitirá traduzir um tal objectivo” (LAPLANTINE & NOUSS, 2002, p. 113).

Pensando a cultura como organizada e organizadora através do veículo cognitivo que é a linguagem, que parte de um capital cognitivo que é coletivo e adquirido por meio de experiências vividas que incluem as memórias (históricas, míticas) de uma sociedade, podemos afirmar, com o aval de Lotman (RODRIGUES apud PINHEIRO, 2009, p. 107) que “a cultura é um conjunto de textos ou um texto construído de maneira complexa”, ou ainda, cultura é um texto tramado em entrelaçamentos de textos.

Entendendo a palavra texto etimologicamente com o seu significado de entrelaçamento, entendemos que Hélio Serejo²¹ pretende com os noventa e três subtítulos do seu *Balaio de Bugre* (SEREJO, 2008). Esta obra cabe perfeitamente como exemplo da proposição de Paulo Morgado Rodrigues com seu artigo “Barroco e mestiçagem: confluências entre poesia & crônica na América Latina” (In PINHEIRO, 2009, p. 105), já que da narrativa de Serejo exala a mestiçagem, o barroquismo, na mais pura poesia entrelaçada por crônicas da vida da cultura desse lugar misturado que é a América Latina. Esta região que é a própria metáfora do barroco, o lugar dos encontros sucessivos, das culturas diversas, de infinitas mesclas culturais.

Entendemos que do processo da mestiçagem não aflora somente o produto da mestiçagem, mas a influencia de todo o material que a compõem, tornando possível uma nova linguagem via antropofagia, via nova combinações, operada por possibilidades combinatórias vanguardistas. A mistura poesia e crônica no nosso objeto de estudo exibem o processo de criação, o *modus operandi*, a modificação ininterrupta de um horizonte de expectativas, bem como da mistura dos gêneros. Esse processo de ruptura, de quebra no “modo de fazer” é inerente ao “fazer” da nossa América Latina. O Brasil é berço dessa herança cultural, desse modo barroco, desse espírito mestiço. Hélio Serejo é um filho dessa terra, sua obra o é na mesma intensidade.

Este “fazer” caracteristicamente nosso implica o reconhecimento das nossas diferenças. Um modo de fazer que não é o eurocêntrico, mas sim erguido do Sul. A construção de um pensar oriunda de nós mesmos, pautado em relações de proximidade e diferença que geram aproximações (e não igualdade). Ou seja, surge do Sul a criação de mecanismos novos que não construídos como resistência e oposição ao Norte, mas algo erigido a partir do que nos é particular, algo que nos é próprio. Que não se levanta por simples antagonismo ao Norte, mas algo novo, já que sempre fomos falados, floresce agora a necessidade de falarmos por nós, falarmos de um lugar que a nós compete falar.

Essa voz que se levanta do Sul pressupõe o reconhecimento de diferenças culturais e históricas, bem como o direito a essa diferença. Essa é uma condição da estratégia emancipatória: exigência do “reconhecimento e da distribuição, de uma igualdade que reconheça as diferenças e de uma diferença que não produza, alimente ou reproduza desigualdades” (SANTOS & NUNES apud SANTOS, 2003, p. 43). A responsável por identificar as diferentes formas sociais das lutas emancipatórias é a teoria da tradução. É ela que possibilita a criação de mútua inteligibilidade, bem como a articulação das equivalências e diferenças entre culturas, suas experiências, suas formas de opressão e resistência.

A idéia de movimento, de articulação de diferenças, de emergência de configurações culturais baseadas em contribuições de experiências e de histórias distintas tem levado

²¹ Escritor sul-mato-grossense, objeto de estudo da escritora no mestrado em Letras pela UFGD.

a explorar as possibilidades emancipatórias do multiculturalismo, alimentando os debates e iniciativas sobre novas definições de direitos, de identidades, de justiça e de cidadania (SANTOS & NUNES apud SANTOS, 2003, p. 33).

O multiculturalismo, na sua versão emancipatória é baseado no reconhecimento e no direito à diferença, bem como na coexistência das diferenças. Essa forma se dá principalmente em espaços sobrepostos, de histórias entrelaçadas, locais que sofreram dominação colonial. Esse é o caso da América Latina. Santos & Nunes (SANTOS & NUNES apud SANTOS, 2003, p. 59-66) propõem cinco teses sobre multiculturalismos emancipatórios e escalas de luta contra a dominação. A tese um aponta que há outras formas de conceber o mundo, que não a eurocêntrica. Essa prerrogativa implica numa necessidade de reavaliação das concepções de mundo visto de outros lugares (a exemplo, o Sul). A tese dois instiga que opressão e dominação gera resistência, invocando diferentes noções de justiça que nas suas articulações locais/globais impulsionam a globalização contra-hegemônica²². A tese três incita o desenvolvimento de formas de diálogo, a exemplo da hermenêutica diatópica, a fim de ampliar o círculo de reciprocidade na concepção de direitos e justiça. A tese quatro se pauta no reconhecimento das igualdades e diferenças como política emancipatória capaz de reinventar novas cidadanias. A tese cinco garante que o êxito das lutas emancipatórias vão depender das alianças que os envolvidos forem capazes de forjar em âmbito local, nacional e global. Essas articulações, das coligações formadas nesse tripé garantem a sustentação de uma contra-hegemonia sólida e profícua.

Pautados nessas cinco teses garante-se a defesa da “igualdade sempre que a diferença gerar inferioridade”, assim como a defesa da “diferença sempre que a igualdade implicar descaracterização”. Porque segundo Santos “as pessoas e os grupos sócias têm o direito a ser iguais quando a diferença os inferioriza, e o direito a ser diferentes quando a igualdade os descaracteriza” (SANTOS & NUNES apud SANTOS, 2003, p. 56). E é com essa frase que a consolidação de um projeto contra-hegemônico se fortalece e toma proporção agigantada na América Latina. Esse lugar que nos é próprio, e é passível dessas novas rearticulações, dessa proposta de diálogo do reconhecimento e respeito às diferenças, dessas novas alianças que deixem o reducionismo definitivamente para trás.

Considerações Finais

²² Ideia da globalização contra-hegemônica, defendida por Boaventura Sousa Santos na obra “A gramática do tempo – para uma nova cultura política” (2008), almejando um equilíbrio e dinâmica entre diferença e igualdade, entre identidade e solidariedade, entre autonomia e cooperação, entre reconhecimento e redistribuição de riqueza, na qual o sucesso desses procedimentos depende de fatores culturais, e econômicos e políticos.

A América Latina é um espaço geográfico que viveu o colonialismo, que sofreu espoliação, agregou o diverso, favoreceu o encontro, culminou no multi-étnico. Na literatura Latino Americana encontramos como elementos a resistência à força do controle hegemônico, encontramos um mosaico étnico-cultural devido à mestiçagem dos povos, verificamos a diversidade, as comunidades híbridas onde o pensamento mestiço é a ideologia construída no “fazer”, no devir. Lidar com a literatura construída nesse espaço circunscrito “latino-americano” é ter de tratar de temas como os aqui neste artigo discutido.

Referência Bibliográfica

GRUZINSKY, Serge. *O Pensamento Mestiço*. São Paulo: Cia. das Letras, 2001.

LAPLANTINE, François & NOUSS, Alexis. *A mestiçagem*. Tradução Ana Cristina Leonardo. Lisboa/Portugal: Biblioteca Básica da Ciência e Cultura/Instituto Piaget, 2002.

RODRIGUES, Paulo Morgado. “Barroco e mestiçagem: confluências entre poesia e crônica na América Latina”. In: PINHEIRO, Amálio. (org.) *O meio é a mestiçagem*. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2009. p. 105-121.

SANTOS, Boaventura de Sousa, NUNES, João Arriscado. “Introdução: para ampliar o cânone do reconhecimento, da diferença e da igualdade”. In: SANTOS, Boaventura de Sousa. (Org) *Reconhecer para libertar*. Os caminhos do cosmopolitismo multicultural. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

SEREJO, Hélio. *Obras completas*. (org.) Hildebrando Campestrini. Campo Grande/MS: Instituto Histórico e Geográfico do Mato Grosso do Sul, 2008.